

## O LUGAR ONDE O LAR SE FAZ PRESENTE JULIANA MENDES<sup>1</sup> E LINA SCHLACHTER<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a trajetória da personagem principal do livro e do filme *A menina que roubava livros* rumo à integração após uma intrusão ambiental grave. Liesel, durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha, é arrancada dos braços de sua mãe após o falecimento de seu único irmão. O único objeto que ela retém dessa brusca e aterrorizante perda é um livro. Levanta-se a hipótese de que a menina vivenciou cuidados maternos adequados em sua família de origem, o que possibilitou que novos vínculos fossem formados a partir de uma provisão ambiental suficientemente boa que lhe permitiu regredir afetivamente.

Palavras-chave: intrusão ambiental, esperança, ambiente suficientemente bom.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss the trajectory of the main character in the book and the movie *The Book Thief* towards integration after a major environmental intrusion. During World War II, in Germany, Liesel is forced out of her mother's arms after the death of her single brother. The only object she retains from this abrupt and terrifying loss is a book. We hypothesize that the girl experienced adequate maternal care in her family of origin, which made it possible for her to build new secure attachment bonds in a good enough environmental provision that allowed her to emotionally regress.

Keywords: environmental intrusion, hope, good enough environment.

---

1 Psicóloga. Especialista em Psicoterapia psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza.

2 Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica pela University of Tennessee, EUA, e mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“O ar que respira  
O livro que aquece  
A palavra brota  
A vivência da dor padece  
E o amor pela vida Floresce.”  
Iolanda Mendes.

Em um ambiente árido na Segunda Guerra Mundial, na Alemanha nazista, a morte conta a trajetória de uma menina de dez anos, Liesel. Famílias separadas, perdas, mortes, e a mais profunda devastação são narradas nas primeiras páginas do livro *A menina que roubava livros* (Zusak, 2013), demarcando profundo terror e angústia de desintegração.

O livro é o alimento instantâneo dessa menina pálida e magra que se torna gigante para enfrentar a dor dilacerante da perda do irmão e da mãe. *O manual do cozeiro* foi seu primeiro livro, roubado durante o sepultamento de seu irmão. Sua mente, nesse instante, habitava em cemitérios de fantasmas, antes mesmo de aprender a ler. Estava às cegas em seu destino e em sua liberdade.

Roubar o livro, para Liesel, não se constituía como algo ilícito, era uma tentativa de retorno ao mamilo, ou seja, a busca e o caminho de volta à casa primeira. Sobretudo a possibilidade de criar um símbolo em direção à referência de um lugar próprio, a sua identidade. O livro era um lugar em sua mente onde surgia um prazer de existir na ausência do outro. Ela precisava de um objeto para tratar a morte do irmão. O livro era o objeto no tempo e no espaço do terror, da desintegração e da esperança do vir a ser.

Para Liesel, supõe-se que as coisas iam bem até o momento de separação da mãe. No entanto, há uma modificação ambiental que altera sua vida e faz necessário um retorno em seu desenvolvimento afetivo para que volte a se sentir segura e inteira. A experiência no momento da separação de sua mãe e de seu irmão foi demasiadamente aterrorizante. Desta forma, como salienta Green (2000), a

integração nunca pode ser dada como definitiva, uma vez que fenômenos sociais podem fazer reaparecer questões regressivas. Este fenômeno já é compreendido por Winnicott (1960, p.89) quando afirma: “pobre de nós se nossa mente for apenas sã”, destacando, assim, a possibilidade de retorno a estados afetivos primitivos diante de circunstâncias demasiadamente dolorosas.

As ansiedades primitivas, portanto, parecem ter sido erigidas quando Liesel sofre uma quebra em sua continuidade de ser, ou seja, quando há uma intrusão a partir da separação brusca de sua família de origem e de sua inserção em um novo ambiente. Diante disso, ela só tem uma opção para manter a sua trajetória afetiva e não se fragmentar e sucumbir: receber uma proteção suficientemente boa no novo ambiente em que está inserida. Assim, em um ambiente de *holding*, onde seu *self* é protegido, o medo de ser aniquilada pode ser apaziguado e ela poderá continuar a ser.

Winnicott (1967) propõe que na tendência antissocial há a necessidade de reexperimentar um momento anterior à situação de privação. Dessa forma, após sofrer uma ansiedade impensável, se houver uma oportunidade de reorganização, surge a esperança de que a vida possa voltar a ser segura. Só assim a criança pode vir a recuperar “uma relação criativa com a realidade externa, ou com o período em que a espontaneidade era segura, mesmo que envolvendo impulsos agressivos” (p.77). Por fim, o autor conclui: “essas crianças não podem reconciliar-se com suas próprias vidas até que alguém tenha feito a regressão com elas, capacitando-as a lembrar, através do retorno ao resultado imediato da privação” (Ibidem).

Toda possível força mental de Liesel durante essa história teria, portanto, que ressurgir diante do vazio e dos fantasmas a partir da nova família que a vida lhe apresentava. A vida colocava e retirava condições para que ela não sucumbisse ao sepulcro materno. Com o livro na mão e a nova família em seu entorno, o acesso à integração se anunciava.

### DE VOLTA AO VENTRE

Liesel é arrancada do corpo de sua mãe logo após perder subitamente seu único irmão durante um inverno. O que resta do que Zusak (2013, p.27) chama de

“despedida molhada” é apenas um livro que um coveiro deixa cair durante o enterro de seu irmão. Liesel não sabia ler, mas cola-se a este objeto que representa tanto a ausência quanto a proximidade que dantes tivera com a sua família.

Pressupõe-se que os primeiros anos de vida da menina foram recheados de cuidados maternos adequados, pois mesmo diante de muitas adversidades ela responde dentro de um padrão neurótico, evitando o colapso interno do eu. Existe em sua mente uma disposição para imaginar e reagir às ameaças internas e externas. Desta forma, tem-se uma menina com experiências precoces de preenchimento materno suficientemente importante para, quando necessário, o retorno ao mamilo, solicitado na regressão, abrir as fontes de alimentação da dupla mãe bebê e, assim, o fenômeno da criação reaparecer.

A angústia sentida pela menina ao chegar à rua Himmel, onde se localiza sua nova moradia, é evidente. A rua, contudo, é a do céu (tradução de Himmel) e lá ela encontra anjos em forma de gente, tal como um homem alto, Hans Huberman, que posteriormente ela chamaria de papai, capaz de acolher sua dor. Logo no primeiro contato entre os dois, tal como adapta o filme, ele a chama de “vossa majestade”, sinalizando que a onipotência necessária para reconstrução psíquica da menina poderia se fazer presente em seu novo ambiente facilitador. Liesel, assim, mesmo sentindo um enorme medo do colapso, tem “uma vaga percepção de estar sendo salva” (Zusak, 2013, p.34).

A dor e o terror de perder a família colocam a menina diante de um esmagador sentimento de dependência, desamparo e humilhação. No entanto, a relação com o seu pai-mãe resgata-a de um naufrágio generalizado. Esse pai traz a música, a escrita e a calma dentro da tempestade para Liesel. E esse amor devolve o jardim mental da criação que havia sido devastado.

Por exemplo, Liesel passa muitos meses acordando durante a noite devido a pesadelos com seu irmão morto. Hans, nos primeiros dias, vai ao seu quarto acalentá-la apenas com sua presença física. Depois de dois dias, passa a dizer “estou aqui, está tudo bem”. Finalmente, após três semanas, abraça-a. Ele “sempre apareceria no meio do grito e não iria embora” (Zusak, 2013, p. 37), até que

sua filha dormisse sentindo o seu cheiro. Hans, assim, acalmava a ansiedade inimaginável da menina com sua capacidade de se pôr em seu lugar, assim como uma mãe tranquiliza um bebê com sua presença física e afetiva, proporcionando um ambiente em que suas necessidades são atendidas e seu “existir é visto e compreendido por alguém” (Winnicott, 1962, p.60).

Não eram apenas pesadelos que surgiam para Liesel, mas também episódios de enurese noturna. Hans, nesse momento, apresenta um objeto para a menina: as palavras. Neste momento, por perceber o livro que a menina carregava apesar de não saber ler, o homem, então, sugere que eles dois, juntos, leiam “O manual do coveiro”, no porão.

O porão era o útero criativo que, junto ao pai, à intimidade e à confiança, legitimava o *holding*. Com o início dessa nova rotina de leituras, provavelmente a menina estava entrando em um estado de dependência relativa e fazendo uso de um objeto transicional. Assim, o livro, que antes significava a ausência-presença de seus familiares, passa a ser utilizado também como um símbolo de vínculo com um cuidador confiável que provoca uma esperança de voltar a se integrar, processo que é destacado por Green (1994, p.225) no trecho: “o incrível para o criador é o núcleo materno, o núcleo da relação com o corpo da mãe: o representante psíquico da pulsão, sob a forma de afeto, ligado a relação com o corpo materno, que tem de ser representado de outra forma, pelo trabalho da arte”.

O livro, assim, é o encontro com o mamilo, o lugar onde a mãe, o irmão e o pai estão presentes. Com ele, ela pensa, deseja e pulsa no amor e no ódio diante da vida. O livro é o retorno e o acesso à primeira mamada de onipotência, é o objeto transicional de Winnicott (1975) criado pela personagem para reeditar as memórias e afetos primevos da relação mãe/bebê e recriá-la nas novas circunstâncias que se apresentam. Com o livro dos mortos, ela aproxima-se do seu querido irmão morto e dialoga com ele em busca de elaboração.

Durante toda a história, Liesel sente angústia de separação no tempo e lugar, sendo ameaçada de perder a nova família e até a própria vida. No entanto, o livro é a segurança de ler, construir e contar histórias que a manterão viva. O livro é

o mamilo introjetado, como a mãe continente, que embala todos os dias com a mesma cantiga de ninar. Freud (1920) diz:

E, se contarmos para uma criança uma linda história, ela insistirá em ouvi-la repetidas vezes, de preferência a escutar uma nova, e sem remorsos estipulará que a repetição seja idêntica, corrigindo quaisquer alterações de que o narrador tenha a culpa, embora, na realidade, estas possam ter sido efetuadas na esperança de obter uma nova aprovação. Nada disso contradiz o princípio de prazer: a repetição, a reexperiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer (p. 46).

Após pouco menos de um ano de sua chegada, Liesel “se acomodara bem na vida” (Zusak, 2013, p. 77), já que gostava muito de seus pais e de Rudy, seu melhor amigo. Algum tempo depois, a menina informa ao pai que já é capaz de enfrentar seus pesadelos sozinha. Ele, como um pai que se adapta às necessidades da filha, diz que a cadeira em que ficava ao lado dela já o estava matando, percebendo que não seria mais tão necessário como já o fora. A entrada da menina na fase chamada “rumo à independência”, assim, é ressaltada pela internalização de seu novo ambiente e pelo desenvolvimento de sua capacidade de cuidar de si mesma. Portanto, a profunda ausência de laços dá lugar à presença de vínculos seguros, o que demarca seu retorno a ser.

#### ENTRE VIDA E MORTE: OS LIVROS

Quando Liesel sente-se mais segura, o furto de livros retorna. Winnicott (1956, p.314) salienta que o roubo, um ato anti-social, pode surgir em um momento de esperança de recuperar o *holding* perdido, ou seja, quando a criança percebe que seu novo ambiente tem elementos de confiabilidade.

Enquanto que, inicialmente, ela rouba um livro das neves, ao sentir-se gelada com o falecimento do irmão, desta vez ela retira esse objeto de uma fogueira de livros após escutar o Führer declarar sua inimizade com os comunistas, posição política de sua família de origem. A menina conecta a separação da mãe e a morte do irmão a Hitler, o que a faz queimar em ódio para, em seguida, roubar o livro das chamas. Ao furtar, portanto, Liesel estava procurando por sua família de origem e reafirmando seu vínculo com o que lhe foi roubado. Hans percebe

o que Liesel fizera e diz que lerá o livro com ela, mesmo não aprovando seu ato. Seu pai adotivo compreende a importância do furto, acolhendo, tolerando e demonstrando ser um vínculo indestrutível apesar do ato agressivo.

Após isso, segue-se uma série de roubos que longe de serem aleatórios demarcam uma “necessidade de tê-los” (Zusak, 2013, p.221).

- Rudy...
- Como é, afinal?
- Como é o que?
- Quando você tira um daqueles livros?
- (...)
- É bom, não é? Retomar alguma coisa. (Idem, p.420)

O retomar é exposto em diferentes situações. Por exemplo, em um momento, ela se vinga furtando um livro da casa do prefeito após a mãe adotiva ser demitida pela primeira dama da cidade. Dessa vez, ela evidencia seu vínculo com sua nova mãe ao pegar de volta as palavras que lhe haviam sido roubadas.

Posteriormente, ela rouba dois livros consecutivamente com a esperança de trazer seu irmão gerado, abrigado e escondido no mesmo ventre (porão), Max, de volta à vida. O rapaz era um judeu, filho de quem havia salvado a vida de Hans, e estava profundamente doente e inconsciente no porão de sua casa. Liesel lia para ele diariamente, acalentada pela perspectiva de que ele acordasse. Felizmente, as palavras que a fizeram retornar a vida produzem o mesmo efeito em Max. Mais uma vez, o vínculo morte e vida é reestabelecido.

O livro também se faz presente quando a cidade é bombardeada e Liesel, no abrigo, acalma as pessoas ao oferecer-lhe palavras. Na adaptação do filme, ela inicialmente conta a estória de um menino fantasma que habitava a sua mente, e há um jogo de presença e ausência do seu irmão querido que morrerá. A sua voz alta e constante lutava contra os bombardeios fora do abrigo. Sua maior expressão de pavor era acompanhada da esperança de que acabasse o terror, Liesel, mais do que ninguém, sabia “o quanto uma pessoa poderia ficar impotente sem as palavras” (Zusak, 2013, p.387) e torna-se a sacudidora de palavras, apelido dado por Max.

Quando Liesel sai do abrigo, com tamanha alteração de consciência por se esgotar da descarga de energia psíquica ao contar a história do seu irmão morto, ela alucina e vê Max no meio de um grupo de soldados alemães e sai gritando o nome dele. O terror e o colapso são situações psíquicas de intrusão e de separação do seio materno introjetado que, vivida como símbolos soltos e não nomeados, são evacuados ou descarregados. Portanto, a maestria do entendimento começa a surgir no psiquismo infantil. Honigsztejn (2014) ressalta que o indivíduo, quando próximo da realidade da morte, regride. Se essa regressão for bem sucedida, segundo o autor, ele revitaliza os laços com a mãe primitiva.

Além de ler, a menina também faz uso da escrita. Inicialmente, dirige-se a sua mãe biológica a partir de cartas para contar-lhe sua própria vida. Depois, escreve, em seu livro branco, a sua história. A escrita deu à Liesel um ritmo de reação à morte. Os mundos interno e externo da menina encontravam-se em uma intensa luta paradoxal, onde o essencial é expresso em folhas brancas e escritas. Honigsztejn (2014, p.65) diz: “É a busca da articulação pelo ritmo de uma relação harmônica, libertadora da angústia, que proporciona a leveza, a liberdade, o aéreo, o etéreo que o criador expressa nas obras ao reencontrar o ‘holding’, livre da carga de culpa persecutória”.

Por fim, após um bombardeio em sua cidade, ela sobrevive porque estava em seu porão, o mesmo lugar em que havia aprendido a ler e a escrever com seu pai e passado muitos momentos com Max, lendo a história que escrevera sobre sua própria vida. Quando a resgatam, ela ainda segurava o livro, “desesperadamente agarrada às palavras que lhe tinham salvado a vida” (Zusak, 2013, p. 433).

## CONCLUSÃO

Quando Liesel é arrancada de dentro do casaco da mãe para adoção, seu núcleo materno fica sangrando e esse ferimento é aplacado com o acesso à possibilidade de ler, de escrever e de existir diante das perseguições violentas da morte. O livro representa o embrião que ficou com Liesel do invólucro de investimentos feitos pela mãe em seus primeiros anos de vida. Essa profunda reserva de energia psíquica paradoxal, exclusiva da mãe e do bebê, deixa a nutrição, para, diante de uma vivência de regressão, o ser retornar ao mamilo e renascer com novas formas de viver.

A personagem tinha um pai, uma mãe e um porão, que foi seu *setting* de criação e de destruição, do vazio ao preenchimento. Lugar onde havia contenção dos seus impulsos violentos pela experiência de *holding* com seu pai. O conceito de Honigzstejn (2014) sobre núcleo rítmico possibilita o entendimento da construção do tecido psíquico feita na relação mãe-bebê, criador-obra, em harmonia e confiança, sustentando e regulando o ego, como necessidade básica para criação.

A relação com o novo pai lembra a dupla no *setting* analítico. O paciente necessita de um tratamento com base na relação humana de amor à verdade e ao respeito com o outro. Na situação analítica, o paciente testa a sobrevivência do lugar e do analista através da expressão do ódio destrutivo que habita em sua mente. Essa manifestação violenta da energia mental do paciente corresponde a uma etapa importante no processo da dupla. Em termos metafóricos, representa a dissolução de coágulos psíquicos que permite que o fluxo da vida surja com tranquilidade nesse indivíduo que continua a enfrentar os influxos sem desistir de ser um ser, de acordo com o que afirma Winnicott (1951, p.10): “solicito que o paradoxo seja aceito e tolerado, e não que seja resolvido”.

## REFERÊNCIAS

A MENINA que roubava livros. Direção: Brian Percival: Fox Filmes, 2013. 1 DVD (131min), son., color, legendado. Título original: *The book thief*.

- Freud, S. (1996/1920). *Além do princípio do prazer*. In: Freud, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. v. 18. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A.(1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Sources, poussées, buts, objets de la violence in l'enfant, ses parents et le psychanalyste*. Paris: Ed. Bayard.
- Honigsztejn, H. (2014). *A psicologia da criação*. Curitiba: Maresfield Gardens.
- Winnicott, D. (1975/1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In Winnicott, D., *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (2000/1956) A tendência antissocial. In: Winnicott, D. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (2005/1960) Os efeitos da psicose sobre a vida familiar. In: Winnicott, D. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1983/1962) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: Winnicott, D. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- \_\_\_\_\_. (1989/1967) A delinquência como sinal de esperança. In: Winnicott, D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zusak, M.(2013). *A menina que roubava livros*. Rio de Janeiro: Intrínseca.